

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 03/02/2020.

RAQUEL CRISTINA RIBEIRO PEDROSO

O NARRADOR DE HELENA DE MACHADO DE ASSIS:

***ethos* modernizador em matéria literária acanhada**

ASSIS

2016

RAQUEL CRISTINA RIBEIRO PEDROSO

**O NARRADOR DE HELENA DE MACHADO DE ASSIS:
ethos modernizador em matéria literária acanhada**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Mestra em
Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida
Social)

Orientadora: Dr^a Gabriela Kvacek Betella

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

P372n Pedroso, Raquel Cristina Ribeiro
O narrador de Helena de Machado de Assis: *ethos*
modernizador em matéria literária acanhada / Raquel Cristina
Ribeiro Pedroso. - Assis, 2016.
159 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr^a Gabriela Kvacek Betella

1. Assis, Machado de 1839-1908. 2. Literatura brasileira -
Crítica e interpretação. 3. Ethos. 4. Individualismo na literatura.
5. Emoções na literatura. I. Título.

CDD 869.909

Paulo, música para os meus dias, a ti dedico.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho contou com a gentileza, auxílio e apoio de muitos a quem estendo meus agradecimentos.

Agradeço a Deus, luz da minha vida, fonte de sabedoria, inspiração e força.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa, este apoio foi imprescindível para minha dedicação integral. E a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) que financiou o início deste trabalho.

À Dra. Gabriela Kvacek Betella, minha querida, compreensiva, amiga, prestativa e competentíssima orientadora. Obrigada por acreditar nesta pesquisa, pelos livros, almoços, cafés, longas horas de conversas tão inspiradoras e, especialmente, pela generosidade e alegria de sua constante presença. Minha sincera admiração e gratidão.

Ao Marcelo Tsuji que, mesmo à distância se fez presente em valiosas indicações de leitura. Ao Stefan Nishimura, pelo incentivo, leitura e comentários das minhas primeiras linhas, pelos livros e alegria de suas aulas e amizade.

À Lais, mãe e amiga que se faz presente mesmo distante. Aos meus irmãos, Léia, Jeremias, Andre, Adila e Alisson, pequenos mascotes das aventuras mais brilhantes de toda a minha vida, de vocês recebo as melhores alegrias e os sinceros votos de crescimento. Às queridas: Amanda, Dayane, Vanessa, Valéria, Márcia, Patrícia, Ítala, Ozeli, Thaís, Maria Júlia, Elisa, Kenny, Luciana, Luciane, Nami, Iracy. Obrigada pelos sorrisos de sempre mesmo após longas ausências.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, Escritório de Pesquisa e da Biblioteca da UNESP de Assis, pelo pronto atendimento e auxílios técnicos.

À professora Dra. Daniela Callipo, pela generosidade de suas aulas, incentivo e colaboração na elaboração do projeto inicial. Aos professores Dr. Jean Pierre Chauvin e Dra. Sandra Aparecida Ferreira por aceitarem o convite para compor a banca de defesa.

Aos queridos da IEH Pompeia, de quem sempre recebi muito mais cuidado e carinho do que mereço, é um grande prazer compartilhar da vida e dos sonhos com vocês.

Ao Paulo, meu amor, primeiro leitor, incentivador e amigo presente. Agradeço todo o amor a mim dedicado, seu cuidado, atenção, respeito e estima me foram como um oásis nos muitos desertos em que estive nesses anos de pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos!

Estácio buscou dominar a situação. Ele não ia ao ponto de supor em Helena a completa perversão dos sentimentos; o limite do mal, que se lhe podia atribuir, era o de uma culposa levandade. Se, em vez de um ato leviano, fosse aquilo um simples estratagema de caridade, Helena não mereceria menos uma advertência; mas a pureza da intenção salvava tudo, e a paz da família, não menos que o seu decoro, se restabeleceria inteira. Estácio examinou um por um todos os indícios de culpabilidade e de inocência; buscou sinceramente os elementos de prova; não esqueceu um só argumento de indução. Nesse trabalho despendeu longo tempo, sem resultado apreciável, pela razão de que, se a sentença era difícil de formular, o juiz era incompetente para decidir; entre a dignidade e a afeição balouçava incerto.

Machado de Assis, *Helena*, 1876.

PEDROSO, Raquel Cristina Ribeiro. **O narrador de Helena de Machado de Assis: *ethos* modernizador em matéria literária acanhada.** 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Qualquer estudioso da obra de Machado de Assis conclui, após um longo exame da fortuna crítica, que notáveis duelos perduraram, na tentativa de se estabelecer a melhor interpretação da obra machadiana. Porém, poucas vezes se observou a iniciativa de explorar a fundo os fatores, as imagens, as situações que conformam os impulsos e emoções humanas detectadas pelo autor para representar o homem em seu tempo. Nesse sentido, nosso trabalho se preocupa com o entendimento da crítica voltada para a valorização de duas vertentes: a composição de um *ethos* narrativo, e a forma pela qual as emoções humanas são representadas na elaboração de personagens machadianos antes da sistematização da Psicanálise. Buscamos apoio teórico em interpretações mais recentes, na fortuna crítica e nos estudos de fundo filosófico, sem esquecer o fato de que há uma tradição no tratamento das “máscaras sociais” na ficção de Machado inaugurada por Augusto Meyer e bem desenvolvida por Alfredo Bosi. Revisitamos os moralistas franceses dos séculos XVII e XVIII e os pensadores políticos modernos para a reflexão de que Machado elaborou “moralidades” decorrentes de sua observação social. O autor soube demonstrar configurações subjetivas que por meio de situações de “composição das emoções” são capazes de delimitar o espaço entre o que se diz (ou se mostra de si mesmo) e o que se cala (ou se dissimula). As inovações machadianas são investigadas neste trabalho pela análise de *Helena* (1876), e representam um salto sobre o romance romântico, o realista e o naturalista com personagens em situações que colocam em jogo as escolhas dos sujeitos, suas densidades, suas motivações e seus impulsos, evitando a condução das atitudes exclusivamente pelas forças externas.

Palavras-chave: Machado de Assis 1839-1908. Literatura brasileira – crítica e interpretação. *Ethos*. Individualismo na literatura. Emoções na literatura.

PEDROSO, Raquel Cristina Ribeiro. **The narrator of Helena by Machado de Assis: ethos modernizer in narrow field.** 2016. 159 f. Dissertation (Master in Letters) – College of Letters and Science, Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

Any scholar Machado de Assis's work concludes, after a long examination of the critical fortune that notable duels persisted in trying to establish the best interpretation of Machado's work. But seldom noted the initiative to explore deeply the factors, images, situations that make the impulses and human emotions detected by the author to represent the man in his time. In this sense, our work is concerned with understanding of the criticism with appreciation of two parts: the composition of a narrative *ethos* and the way human that the emotions are represented in the development of Machado characters before the systematization of Psychoanalysis. We seek theoretical support in recent interpretations in literary criticism and philosophical background studies, not to mention the fact that there is a tradition in the treatment of "social masks" in Machado's fiction inaugurated by Augusto Meyer and well developed by Alfredo Bosi. We revisit the French moralists of the seventeenth and eighteenth centuries and the modern political thinkers to reflect that Machado produced "moralities" arising from social observation. The author was able to demonstrate subjective configurations that through situations of "composition of emotions" are capable to define the space between what is said (or shown himself) and what is silent (or dissimulates). The Machadian innovations are investigated in this work by Helena analysis (1876), and represent a jump on the romantic romance, the realist and naturalist with characters in situations that bring into play the choices of individuals, their density, their motivations and their impulses, avoiding driving attitudes solely by external forces.

Keywords: Machado de Assis 1839-1908. Brazilian literature - criticism and interpretation. *Ethos*. Individualism in literature. Emotions in literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. <i>Helena</i> em seu contexto	19
1.1 Dos dramas adocicados à formação da vida literária brasileira	19
1.2 Helena em parcimoniosas fatias folhetinescas	27
1.3 Uma questão de <i>Identidade Nacional</i>	38
2. O embuste do <i>ethos</i> em <i>Helena</i> de Machado de Assis	46
2.1 Os caminhos da formação do <i>ethos</i> no discurso narrativo	46
2.2 Dos primórdios à origem do <i>ethos</i> no ambiente do discurso	54
2.3 O <i>ethos</i> plasmado	57
2.4 A gênese de Helena – <i>Manon</i> ou <i>Virginie</i> ?	67
3. A heroína deposta: <i>imagem</i> e <i>cena</i> como matéria-prima literária	79
3.1 A moralidade na construção de personagens de ficção	79
3.2 Imagens do <i>eu</i> retorcido	90
3.3 Cenas epistolares	95
3.4 A <i>noite</i> do <i>dia</i> inquieto chamado vida	102
4. Finalmente, impasses morais clássicos em prosa moderna.....	111
4.1 Teorias da alma humana em matéria literária	111
4.1.1 Conhecer o outro, conhecer-se e deixar-se conhecer	115
4.2 Vicissitudes da arte de engabelar	127
4.3 O que fazer com a <i>Consciência</i> ?	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	150

INTRODUÇÃO

*A botica vende tudo
vende da purga ao sudário.
Só não vende, por cautela,
a língua do boticário...*

Luís Edmundo. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis*. 2000

Agosto de 1876, Rio de Janeiro, capital do Império Brasileiro. Época de efervescências políticas, desagrado popular, revoltas veladas e romances em fatias nos rodapés de Jornais cariocas. O governo brasileiro vivia dias de instabilidade em setores da economia, política e, sobretudo no comércio escravista devido à iminente abolição e libertação definitiva dos escravos. A corte foi palco de discussões legítimas de uma nação um tanto perdida tateando caminho de reviravoltas que pudesse criar um estatuto de país *novo*, de modo que, sentimo-nos diante de inúmeras incursões e tentativas desenfreadas de mudanças econômicas, políticas e sociais. Trata-se de uma sociedade prenhe de discussões que não passavam despercebidas à pena de Machado de Assis, um autor capaz de catar o íntimo da *pessoa humana* em seu contexto de vida, conforme ele próprio confessou em crônica (o mínimo e o escondido), e fixar certo rearranjo literário na produção de uma escrita essencialmente moderna para o espaço brasileiro do século XIX¹. Desse modo, percebemos a elaboração minuciosa de molduras narrativas adequadas à experiência nacional formuladas por Machado, fruto de implicações e ambiguidades tipicamente humanas. Situações comuns, próprias do cotidiano, se tornaram aliadas na composição de caracteres fictícios quando postas em cenas de seus romances, como dramas existenciais de personagens.

A exemplo desta proposição consideramos o uso da *dissimulação* – conflito interior e subjetivo entre realidade e aparência exterior que resulta na desconfiança das ações dos personagens, – como uma capacidade machadiana de mimetizar ações comuns de temas

¹ José Luiz Passos (2007) retrata a maneira pela qual Machado de Assis concebeu a formação da pessoa humana e seus desvios como parte da composição de seus romances, esse conceito “se expressa basicamente pela evolução, dentro do herói, da disparidade de perspectivas sobre como se deve viver a vida. É sobre o nosso aprendizado da autonomia e da possível vituperação pelo autoengano” (PASSOS, 2007, p. 45). Desapegado da norma do século XIX, Machado estreou no romance (com *Ressurreição* de 1872) num aporte aparentemente despretensioso, mas que formulou um ambiente narrativo propício a esmiuçar a composição do caráter de seus personagens, e dessa ideia propomos a busca pela manifestação do *ethos* narrativo e seus pormenores junto a escrita de *Helena* (1876). Para o estudo minucioso do *ethos* que se pretende determinar como próprio a *Helena* (1876) seguimos com as referências no decorrer dos capítulos.

relativamente próximos à vida de seus leitores, com produção de material literário rico em detalhamento moral e emocional. Portanto, temos na ficção machadiana a alternância entre a instituição e a intimidade, e já que falamos em *dissimulação* cabe ressaltar que compor personagens envoltos pelo ato de dissimular não era algo comum para a ficção nacional da época, coube a Machado a elaboração do tratamento desse tema de acordo com o sabor dos dias e ao correr da pena. De acordo com José Luiz Passos (2007, p. 68) os heróis românticos brasileiros eram em geral incapazes de fingir serem o que não o eram a fim de esconderem sua vergonha. De modo que ressaltar os mecanismos de astúcia e disfarce fez de Machado um autor que punha em relevo a composição de personagens pelo aprofundamento de sentimentos morais. Assim, a *dissimulação* mimetiza o caráter irônico que as relações sociais possuem, e funciona como uma negociação do posicionamento dos atores envolvidos, numa troca onde as regras, ou os fins, não se encontram apresentados.

Não há como negar o fascínio exercido pelo século XIX nos estudiosos das Ciências Humanas, especialmente os interessados na História da cultura e, assim por dizer, na História da Literatura. A evolução dos hábitos e dilemas provocados pelo movimento Romântico e Realista provoca um considerável interesse nos produtores de material literário já que enriquecem suas narrativas pela extensão de normas e condutas que estão acima do visível ao homem comum, participe dos salões de teatro, saraus domésticos e cafés da Rua do Ouvidor. O que era lido, sobretudo, nos rodapés dos Jornais do Rio de Janeiro era produto dessa convivência entre o escritor e o processo de construção social, numa espécie de revisão de acontecimentos reais. O comportamento social local do século XIX foi marcado pelo cálculo, uma tendência capaz de subjugar princípios éticos gerais ante motivações particulares. Desse modo, destacamos a firme intenção de autores locais em estabelecer um gosto popular comum para as variadas classes sociais. Machado comprometeu-se em fazer da escrita o caminho mais seguro para a relativização de normas e costumes sociais, como veremos na exploração de minúscias da configuração de um *ethos* narrativo de *Helena* (1876), seu terceiro romance publicado em fatias folhetinescas.

Em um contexto mais amplo percebemos que o século XIX foi marcado por uma espécie de *culto à domesticidade* (grifo nosso), um movimento social originado de ataques sistemáticos à autoridade patriarcal, conduzido por uma elite internacional de médicos,

filantropos e humanistas². A divulgação de tal atitude culminou numa espécie de guerra entre duas frentes: em um dos polos estava a luta contra a libertinagem aristocrática. Em outro, o combate à imoralidade pública e o incitamento à desordem. Houve quem recomendasse a cristianização geral da sociedade como o antídoto capaz de impelir a desordem pública, já que havia uma espécie de crítica aos modos das pessoas ricas e libertinas, em contraposição à propagação dos princípios cristãos entre os menos favorecidos.

Christopher Lasch (1999) problematiza essa questão no contexto europeu afirmando que a sociedade empenhava-se em criar modelos do bom proceder, sobretudo, do público feminino que mais cultivava o atraso na marcha pelo avanço social que propriamente a reorganização das famílias. Em seu estudo sobre *A domesticidade burguesa, a revolta contra o patriarcado e o ataque a moda* (1999, pp. 89-108) Lasch ressalta que a sociedade Europeia do final do século XVIII via na classe média da Inglaterra o modelo de ascensão social e econômica, já que era constituída não somente por fazendeiros, artesãos e pequenos negociantes, mas também por empresários e homens do comércio aptos a imitar os modos aristocráticos. Tão logo os senhores comerciantes conseguiam ascender econômica e socialmente, suas esposas já se encontravam aptas a *emoldurarem-se* (grifo nosso) no quadro de Senhoras da alta moda heráldica. Para a parcela da sociedade em que a cristianização deveria ser a norma, a influência contagiosa de costumes devassos estaria indo para além do aceitável, a mulher era posta como o ponto de convergência entre os costumes mundanos e a norma familiar. De acordo com Lasch (1999) apesar de as moçoilas abastadas conviverem com a intensa preparação para bom e esplêndido casamento, seus destinos estavam direcionados a esposas enfadadas e/ou coquetes de salões de recreio. Nesse ínterim, a nova classe média Europeia estava enriquecendo por méritos trabalhistas, e começava a adotar padrões que dantes lhe eram estranhos – as mulheres sentiam-se lisonjeadas pela atenção que atraíam pela *aparência de seus finos sentimentos* (grifo nosso).

A nova classe voltou-se exclusivamente para o amor e a intriga sexual, resignando-se numa vida inativa, improdutiva e parasitária, sob o pretexto de que a elegância, ao contrário da virtude, era o fim supremo da existência. O padrão da educação feminina da moda oitocentista, em que o engodo seria aliar-se ao matrimônio, suscita a ideia de que se poderia negociar a sexualidade da mulher ao melhor preço possível. Desse modo, não seriam poupados esforços para transformar a mocinha em uma mulher refinada, a qual se tornaria a

² Trata-se de um termo trabalhado por Christopher Lasch (1999) quando retrata o processo de domesticidade burguesa, sobretudo da figura feminina em tempos em que o amor, o casamento e o feminismo eram minimamente debatidos como próprios da vida social moderna.

Senhora de uma esplêndida casa e das benesses do futuro cônjuge. Em vista disso, Christopher Lasch (1999) afirma que a norma social não se preocupava em suscitar na mulher o gosto pelo intelectualidade, e assim predominava o cinismo mundano elegante e seu paulatino enfraquecimento aos olhos alheios. Lembremo-nos de Sofia, em *Quincas Borba* (1891)³, e sua representatividade ante a composição de caracteres do elemento feminino em ascensão social e a assimilação da norma social estrangeira, sobretudo da francesa, capaz de assegurar-lhe o que não trouxera de nascimento e de elevá-la ao patamar de dama da sociedade carioca.

Palha era então as duas coisas; casmurro, a princípio, frio, quase desdenhoso; mas, ou a reflexão, ou o impulso inconsciente, restituía ao nosso homem a animação habitual, e com ela, segundo o momento, a demasia e o estrépito. Sofia é que, em verdade, corrigia tudo. Observava, imitava. Necessidade e vocação fizeram-lhe adquirir, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna. Ao demais, estava naquela idade média em que as mulheres inspiram igual confiança às sinhazinhas de vinte e às sinhas de quarenta. Algumas morriam por ela; muitas a cumulavam de louvores. (ASSIS, 2001 p. 215).

As mudanças de comportamento da personagem estão na órbita da ação de um narrador que conta, ao mesmo tempo em que esconde sua intencionalidade. Personagens machadianas tentam seduzir o público com a aparente perfeição de seus fins e de seus modos, e, ainda quando agem de forma traiçoeira, o fazem com ares de total desinteresse. Sofia é um desses arquétipos de Machado, plantada no terreno escorregadio da obsessão por bens materiais e o interesse de manter-se em vista da admiração pública. De modo que pelo nível de suas ações diante dos demais e pela imaginação das possíveis motivações que a conduzem a tais atitudes, temos em *Quincas Borba* (1891) a livre construção de caracteres morais, já que o autor propõe uma tessitura minuciosa quanto à análise das possíveis ambições e paixões tanto de Cristiano Palha e Sofia, como do protagonista Rubião. Por linhas de romances como este, em que a composição subjetiva dos personagens ganha intensidade ante a descrição de traços próprios do que vinha sendo tomado como tradição literária local, Machado de Assis manteve-se em divergência com seus contemporâneos da prosa de ficção, pela tessitura cuidadosa do repertório dos motivos e intenções de seus personagens, que mais se

³ Obra constituída para o folhetim do Jornal *A Estação* de 1886 a 1891. Sua publicação em volume ocorreu pela Casa Editorial de Baptiste Louis Garnier, no Rio de Janeiro em 1891 com diferenças marcantes com relação ao que já havia sido publicado em Folhetim. Encontra-se acessível em edição eletrônica a versão em Folhetim minuciosamente anotada e comentada por John Gledson e Ana Cláudia Suriani da Silva. Disponível em: <http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/quincasborbaaestacao.htm>. Acesso em: 14 jun. 2015.

assemelham a retratos morais de ações e motivações intrínsecas à interioridade. Quase se reconhecem personagens como Sofia, Cristiano Palha e Rubião pelas ruas da Corte Brasileira, numa mistura de assimilação da cultura do Velho Mundo pelo formato do romance moderno, e mimetização de arquétipos tipicamente humanos.

Sofia se percebe sedutora e pronta direcionar suas emoções, com o fim de cativar a afeição do novo amigo do casal, Rubião. De modo que, faz da conquista do coração e da fortuna do novo amigo o caminho de ascensão às salas e camarotes de teatro, lugar de figurões da alta corte carioca. A moça, ao passo em que se mantinha no âmbito da aparente família conservadora, usava de belos dotes feminis com o propósito de cativar o ingênuo ex-professor, deixando-o esperançoso e encantado. Vejamos os excertos:

Rubião tinha os olhos desvairados. Não disse nem fez nada. Levantou-se para sair, não saiu. Depois de alguns instantes de silêncio e inquietação, continuou sem raiva:
 –Não é segredo para a senhora que lhe quero bem. A senhora sabe disso, e não me despede, nem me aceita, anima-me com seus bonitos modos. Não me esqueci ainda de Santa Teresa nem da nossa viagem no trem de ferro quando vínhamos os dois com seu marido no meio. (ASSIS, 2001, p. 161).

Não fica mal dizer que a imaginação de Sofia era agora um corcel brioso e petulante, capaz de galgar morros e desbaratar matos. [...] Traz a ideia do ímpeto, do sangue, da disparada, ao mesmo tempo que a da serenidade com que torna ao caminho reto. (ASSIS, 2001, p. 217)

O sujeito narrativo mantém a personagem no âmbito da desfaçatez (termo de Roberto Schwarz), pois desde as primeiras páginas de *Quincas Borba* o narratário⁴ entra em contato com o casal Palha, ardilosos e em busca de favores econômicos, para mais à frente apresentar Sofia como uma dama da corte tão bem posta ante ao olhar alheio que jamais poderia sofrer qualquer sanção negativa. Contudo, como afirma Raymundo Faoro (1976), Machado dialoga com minuciosas questões sociais de seu tempo numa tentativa de expor elementos do entorno social da capital do Império. Como no exemplo acima, temos senhoras à beira do adultério, guiadas pela busca de favores sociais e capazes de qualquer tipo de manipulação até quando se fingem manipuladas.

No que se refere à configuração da literatura no Brasil, principalmente no contexto das narrativas machadianas, consideramos relevante citar *A ordem médica e a norma familiar* (1999) de Jurandir Freire Costa, o qual ressalta o abandono das cidades do Brasil colônia do final do século XVIII. O eixo familiar sentia-se lançado à própria sorte diante de um governo

⁴ Este termo será discutido e pormenorizado no capítulo segundo citamos, no presente momento para efeito de introdução ao caminho de análise e mapeamento de leitura.

preocupado com a extração de riquezas naturais, fruto da exploração sistemática de minérios e do pau-brasil, e do modo como a segurança nacional e a educação das famílias eram esquecidas, frente à ausência de atenção do Estado Português. Assim, foi elaborada uma espécie de medicina higienista direcionada ao núcleo familiar, com fins educativos e de instalação de ordem mediante ao caos vivido em terras brasileiras. Costa (1999) traça um perfil relevante das famílias aos moldes do Brasil oitocentista, e para tanto se utiliza do tratado de Foucault (*Vigiar e Punir*) como substrato teórico para suas descrições. Costa (1999) afirma que a lei busca principalmente negar, ao se firmar por meios repressivos. Já a norma, embora possa incluir em sua tática o momento repressivo, visa prevenir o virtual, produzindo fatos novos. Para controlar as duas instâncias de famílias, tanto a Imperial como a Colonial, foram utilizados mecanismos com amparo jurídico não no sentido de punir, mas de vigiar. Desse modo, a normalização médica esteve em estreita correspondência com o desenvolvimento urbano, social, bem como na criação do Estado Nacional Brasileiro, mesmo com a incisiva tentativa de direcionar a higiene das famílias (de caráter disciplinar) para a possível construção de um parâmetro eurocêntrico dentro da corte brasileira.

O crítico destaca que a norma também se fazia valer em práticas jurídico-discursivas aplicadas como dispositivos de repressão. Do mesmo modo que os discursos filosóficos e religiosos se prestaram ao que estivesse vinculado à tomada de poder do Estado, vários níveis de saberes se uniram com vistas ao uso e manutenção do poder político, econômico e social. Um exemplo citado por Jurandir Freire Costa (1999) suscita a ideia do uso sistemático da Medicina para a manutenção de um Estado imperioso, inclusive acima dos anseios populares. Trata-se do avanço do poder do Estado num ajuntamento dos “loucos”, ou seja, na criação dos primeiros manicômios para aqueles que aparentassem desacordo com as regras impostas pela sociedade. Assim, as famílias passaram a conviver com uma espécie de policiamento mascarado de cuidados com a saúde física e moral, para os quais a norma se fez representar não somente em campanhas de higienização da coletividade, mas também na criação de espaços como as alas em hospitais com locais específicos para prostitutas, mendigos e leprosos. Mesmo com a aparência de melhoria higiênica, já que pela proximidade de contato dos doentes com “pessoas de bem” poderia haver contaminação, tal realidade funcionava como uma espécie de “purgatório” do que fosse contrário ao processo de mascaramento social. Esses atos eram devidamente encoberto pela benevolência própria de quem consente ao mal o formato de melhorias, já que essas ideias se cruzam com o controle que o Estado quer exercer sobre as famílias, pois quando os proprietários rurais se deslocaram do campo para a cidade, o privado se misturou com o público.

Ainda de acordo com a crítica de Costa (1999), seria imprescindível a sociabilização de famílias que vivem na cidade, mas que ainda guardavam comportamentos típicos do campo. E para tanto, a urbanização contou com o incentivo da medicina, da literatura e da moda, sobretudo a francesa, num contexto de sociedade brasileira novecentista marcada pela instituição de paradigmas como forma de controle social. É neste contexto que temos o início do nacionalismo brasileiro. O Romantismo se apropria da temática do apego ao típico nacional (apesar do estereótipo do herói romântico, sobretudo o alencariano, mais se aproximar do homem europeu que do indígena brasileiro). Passos (2007) afirma que o romance nacional teve por objeto o tema do contrato e da identificação do herói com a sociedade nacional. Embora Machado representasse a propagação de dados distintos dentro dessa tradição de *cor local*, manteve-se como um autor importante na valorização do Brasil como país em busca pela independência nos múltiplos segmentos.

Até aqui estamos no âmbito da introdução ao contexto social-cultural da prosa brasileira, considerada relevante para o tratamento que Machado de Assis dará (ao longo de sua trajetória literária) a temas fermentados por minúscias sociais. Já em *Helena* (1876) percebemos um desalinho entre a subjetividade da protagonista e suas ações representadas, principalmente quando é alvo de sanção do outro. Ações estas que são para nós o mote da afirmativa de que há uma configuração em desvelamento, e em linha crescente, de um *ethos* narrativo próprio da escrita machadiana. Assim, nossos objetivos estão no âmbito de duas vias de análise: em primeira instância, a caracterização do *ethos* do narrador de *Helena* pela delimitação de seus possíveis traços característicos. E em segunda linha, a composição dos personagens da obra como tipos peculiares ao reconhecimento e descrição desse *ethos* narrativo. Destacamos que muitas ações de personagens descritas ao longo deste trabalho se estendem às obras “maduras” de Machado de Assis.

Entendemos que a ideia de formação e deformação moral foi debatida em romances brasileiros do século XIX e início do XX, e desses debates temos marcos da complexa relação que o sujeito pode manter consigo e com o outro. *Helena* oferece-nos uma leitura de experiências humanas de cunho altamente reflexivo e de um narrador com linguagem própria a captar a atenção e a cumplicidade do narratário, de modo que encontramos nessa obra uma contribuição fundamental para as letras brasileiras.

Apresentamos o que poderá ser encontrado nos capítulos a seguir de forma que importamos descrever, ainda que em poucas linhas, a estrutura deste trabalho como um guia explicativo para que o leitor dele tire o melhor proveito.

O capítulo primeiro “*Helena* em seu contexto”, conta com um breve panorama do contexto histórico-social do início da escrita literária brasileira, e em especial a de Machado de Assis que, em meio à obras articuladas *via empréstimo* do *Velho Mundo*, soube (re)criar seu modelo de matéria literária enquanto homem de seu tempo. Tocamos em questões cruciais como a formação das famílias, desde os ares de Brasil Colônia junto ao contexto de manutenção da ordem social, em que o fator determinante culminará no *tipo* de processo de formação da nossa literatura. Este capítulo também conta com o detalhamento do folhetim, sua sistematização na França e chegada ao Brasil, e o significativo sucesso dos jornais e casas editoriais (a exemplo da editora de Baptiste Louis Garnier) com as narrativas *em pedaços* em que *Helena* é nossa amostra. Trata-se de um capítulo introdutório pela contextualização necessária ao entendimento dos conceitos próprios dos capítulos seguintes e da análise da obra, já que contribui para uma compreensão mais abrangente que a construção do *ethos* narrativo vai tomando, à medida que tocamos em situações como a *construção* de *Helena*, tanto com o que se refere ao narrador como com relação ao estudo da composição dos personagens. Ao final deste capítulo temos um lampejo da crítica contemporânea de Machado de Assis em meio ao processo de formação do Brasil como nação, via narrativas literárias.

No segundo capítulo, “o embuste do *ethos* em *Helena* de Machado de Assis” conta com o aporte teórico da Retórica antiga, a origem do *ethos* como disciplina do discurso e a aplicabilidade possível dentro do nosso objeto de análise, numa espécie de *ethos* plasmado em ações e direcionamentos do narrador. Neste capítulo temos os principais conceitos a respeito da presença dos termos *enunciador/enunciatário* e *narrador/narratário* amplamente citados ao longo deste trabalho. Contamos com a análise do aproveitamento criativo do enunciador, quando insere referências a obras francesas (*Paul et Virginie* e *Manon Lescaut*) no interior do discurso, levando o narrador a construir seu percurso e direcionar figurativizações como a *desconfiança* em direção ao narratário. As obras francesas são descritas e aproximadas a *Helena* como parte da configuração do *ethos* narrativo que usa de artifícios próprios da enunciação para instaurar a dúvida sobre quem seria Helena – Manon ou Virginie?

No capítulo terceiro temos “a heroína deposta: *imagem* e *cena* como matéria-prima literária”. A delimitação de cenas e imagens é parte substancial da configuração do *ethos* do narrador pelo viés da composição moral dos personagens. A moralidade aparece em cenas e na narração e o uso desse artifício é extremamente estruturador da narrativa. À luz de moralistas franceses, da filosofia analítica e de teorias do narrador propomos que o *ethos* do enunciador neste capítulo toma forma por figurativizações e, assim, a enunciação garante sua eficácia no tratamento da moralidade e do autoengano. Contamos com três figurativizações

que serão perceptíveis no folhear das páginas: a) o olhar, tanto o refletido em espelhos e visto pela própria interioridade, como o que é direcionado ao outro, b) o envio e recebimento de cartas como depositárias de segredos velados e revelados, e c) o amor *versus* morte, em que o amor não é um instrumento de escolha, mas de destino.

O quarto e último capítulo contempla os “impasses morais clássicos em prosa moderna”. O tratamento dispensado pelo narrador às situações típicas do inconsciente humano é o nosso alvo maior. Retomamos os moralistas franceses para o tratamento das emoções e teorias da alma ainda desconhecidas pela Ciência do final do século XIX, mas já presentes em material literário. Neste capítulo, ponderamos a intensidade do mistério humano que perpassa (e encobre) o que é sentido pelo coração do que é refletido em ações aos olhos dos outros. Duas figurativizações são elaboradas: o casamento e a herança, como engodo próprio ao proceder do *ethos* do narrador, em que a ação (nos termos deste capítulo) se faz mais pela denúncia do caráter de Helena e da subjetividade de Estácio, que pela debreagem do discurso. O capítulo é finalizado com uma discussão a respeito da *consciência humana* e dos caminhos que dela se pode obter, de modo que temos a finalização formal do proceder de um *ethos* moderno, apesar de ainda tratar de uma literatura acanhada tendo em vista às obras posteriores de Machado de Assis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ler é recriar.
O diálogo interno do autor é a semente que frutifica
ou definha no diálogo interno do leitor.
A aposta é recíproca o resultado imprevisível.*

Eduardo Giannetti, *Auto-engano*, 1997.

Finalizada a descrição e análise do *ethos* característico ao narrador de *Helena*, chegamos ao momento de atar as pontas e reunir considerações finais sobre este trabalho. Partimos de um texto introdutório que ressalta as especificidades de uma perspectiva histórica como fonte “necessária” a construção do discurso. Desse impasse surgiu a percepção dos romances machadiano como fonte considerável do nosso passado histórico por via literária, principalmente, com relação a descrição de particularidades da subjetividade humana pela observação de tipos sociais. Ainda sobre a descrição da obra de Machado de Assis, atentamos para as variadas linhas interpretativas vinculadas às diversas perspectivas de análise, mas que em última instância não podem ser vistas com a máxima abrangência. Somos tomados por comportamentos morais, psicológicos e sociais, cujo ponto alto está na concepção da interioridade de seus protagonistas enquanto formados pela recorrência de traços propriamente humanos.

Nossa análise foi tomando maiores proporções pelo mapeamento do tratamento literário no que se refere às particularidades de personagens de *Helena*, na qual a construção do *ethos* do narrador se deu por finas linhas de interpretações e descrições possíveis de caracteres morais e analítico-filosófico. De modo que buscamos por um *corpus* capaz de particularizar as ações do narrador dentro das proposições do discurso enunciativo, e um léxico que pudesse se aproximar das minúcias próprias da composição dos personagens. Assim, entendemos que optar pela descrição de pormenores capazes de conceber a elegância motivadora das ações de personagens, suas intenções e de que “material” são constituídos serviria de bússola a formação de uma perspectiva crítica mais voltada a organização da composição meticulosa de ações e pessoas ficcionais.

À guisa de conclusão cumpre-nos retomar as particularidades dos capítulos e o tratamento despendido à configuração do *ethos* do narrador de *Helena*, numa espécie de “reunião de características” do processo de *feitura* desse *ethos*.

No primeiro capítulo desenvolvemos as condições histórico-sociais locais cuja contextualização do andar dos dias na capital carioca foi de exímia importância. *Helena* foi elaborada ao sabor da pena de um “homem de seu tempo” cuja narrativa carrega aspectos singulares dos anos finais do Império Brasil. A importância de retomar o suporte da primeira publicação da obra trouxe-nos uma visão do que se lia, escrevia, e importava de terras europeias e rapidamente se tornava a última moda de Paris *a la corte carioca*.

Na sequência do trabalho estivemos em contato com a retomada dos conceitos pertinentes à origem da retórica como disciplina e do *ethos* como parte do fazer retórico-persuasivo, ponderamos a utilização desse conceito em obras literárias e sua contribuição efetiva para os estudos narratológicos no que concerne às configurações das formas do discurso no interior das narrativas. A busca pela percepção de como o conceito e o propósito do *ethos* se fariam em *Helena* está entre os pontos chave deste capítulo, que contou ainda com uma elaboração minuciosa da referência de obras francesas com fins de envolver a protagonista numa teia de desconfiança e dissimulação de sua moral e caráter.

A proposição deste trabalho, que está no âmbito da análise de um narrador moderno apesar de ser parte de uma literatura (brasileira) ainda em desenvolvimento, Passos (2007) afirma que a despeito do fato de que na forma tradicional do romance do século XIX a função do narrador estaria em estabelecer um acordo junto ao narratário e até mesmo junto ao leitor, o propósito mais atraente estaria no uso da verossimilhança na representação. No que se refere ao romance moderno o papel do narrador passa a ser “contra a mentira da representação, na verdade contra o próprio narrador, que tenta, como um comentador extremamente atento aos eventos, corrigir seu modo inevitável de proceder. Essa destruição da forma é inerente ao próprio significado da forma” (PASSOS, 2007, p. 147).

Assim nossa trajetória pela apreensão do processo de *realização* do caráter do narrador de *Helena* perpassa o âmbito daquela que instala ares de desconfiança, que comenta os acontecimentos com o desdém próprio de quem se compromete com a vulnerabilidade das ações dos personagens, além de fixar questões acerca da construção moral da subjetividade e do *ethos* narrativo tão bem postas que quase chegamos a tratá-los como seres reais. Como diz José Luiz Passos (2007, p. 104) quando afirma que o mero fato de estarmos em uma situação qualquer, e poder imaginar como Brás Cubas procederia, ou identificar uma ação como sendo típica de sua conduta, parece-nos ser uma evidência de que quando lemos romances habitamos, pela imaginação, em mundos alternativos semelhante ao nosso, podendo em muitos casos, fecundar à maneira como o percebemos.

De modo similar seguimos para o capítulo terceiro junto a proposição de um debate a cerca da utilização de figurativizações próprias para a apreensão de um narrador astuto, cuidadoso e exímio especialista na arte de fazer-se pela mirada alheia. Nesses termos ressaltamos o uso da moralidade como artifício teórico de configuração do *ethos* do narrador que se utilizou da composição dos personagens, sobretudo Helena e Estácio, para o enriquecimento e boa estruturação do discurso. Algo de relevante que já se incia neste capítulo e segue até ao próximo está a proposição de que quando tratamos protagonistas como seres importantes dentro do nosso horizonte de expectativas do que pode ser o relacionamento entre pessoa humana e pessoa de ficção é que podemos nos compadecer com seus desalentos, ao mesmo tempo em que sentimo-nos realizados por reconhecermos neles aspectos próprios de um sujeito. Ainda neste capítulo, o narrador apresenta mecanismos de o justifica ante suas próprias ações o que enleva o narratário pelo véu espesso da desconfiança de seu *ethos*.

Frente ao último capítulo percorremos um caminho que ora está voltado ao título deste trabalho (a saber: O narrador de Helena de Machado de Assis: *ethos* modernizador em matéria literária acanhada), ora as teorias que circundam aspectos da alma humana em uma literatura em intenso processo de afirmação. Apesar da aparente disparidade esses dois aspectos andam juntos. A considerável proposição de que *Helena* é uma obra moderna está na forma que o narrador usa para formular o discurso, como: motivação interna das ações dos personagens, algo desconhecido, mas que habita em seus interiores (falamos de Helena, Estácio e Dr. Camargo) e comanda suas ações exteriores; o desenvolvimento da narrativa enquanto enredo em cena cuja temática voltada para a dissimulação, vergonha, humilhação e usurpação são elementos singulares para livros publicados no contexto brasileiro de 1876. De modo que temos a gênese do indivíduo literário moderno, um sujeito consciente de si, de suas ações e objetivos, que se mantém firme diante de seu auto julgamento com base na incapacidade que tem de sentir-se um sujeito integral. Eis a noção de modernidade no indivíduo do século XIX.

REFERÊNCIAS

1. Bibliografia machadiana

ASSIS, Machado. **Notícia da atual literatura brasileira**: Instinto de nacionalidade. O novo Mundo, vol. III, Nº 30, 24 de março de 1873, p. 107-108.

_____. Ideal do Crítico. **Diário do Rio de Janeiro**, ano XLV, nº 220, Folhetim, quinta-feira, 31 de agosto de 1865, p. I.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

_____. **Helena**. São Paulo: Elevação, 2008.

_____. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. **Casa Velha**: novela de Machado de Assis. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Várias Histórias**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

1.1 Periódicos

ASSIS, Machado. **Jornal das famílias**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 14 setembro 2013.

_____. Helena. In: **Jornal O Globo**. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso 20 setembro 2013.

2. Bibliografia Geral

2.1 Estudos sobre Machado de Assis

ANDRADE, Ana Luiza. **Transportes pelo olhar de Machado de Assis**: passagens entre o livro e o jornal. Chapecó: Grifos, 1999.

ARMANGE, Ana Helena Krause. **O diálogo entre narrador e narratário em contos machadianos e sua contribuição para a significação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 122 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Orgs.) **Machado de Assis: crítico literário e textos diversos**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

BAGBY JUNIOR, Alberto Ian. **Machado de Assis e seus primeiros romances**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1933.

- BAPTISTA, Abel Barros. **Autobiografias**: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003.
- BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis**: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (*Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*) e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias!* e *A semana*). São Paulo: Edusp/Nankim, 2007.
- BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. **Ideologia e contra ideologia**: temas e variações. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **Brás Cubas em três versões**: estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **O enigma no olhar**. São Paulo, Ática: 1999.
- BROCA, Brito. Jornalista político. In: BOSI, Alfredo *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1999.
- CALDWELL, Helen. **Machado de Assis**: the Brazilian master and his novels. Berkeley, University of California Press, 1960.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 9ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- _____. Esquema de Machado de Assis. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. De Cortiço a Cortiço. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- _____. Dialética da malandragem. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- _____. A vida ao rés-do-chão. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. Literatura, espelho da América. **Remate de Males**. Departamento de Teoria Literária IEL/Unicamp – Especial sobre Antonio Candido. Campinas: Unicamp, 1999.
- _____. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHAUVIN, Jean Pierre. **O Alienista**: a teoria dos contrastes em Machado de Assis. São Paulo: Reis Editorial, 2005.
- CRUZ, Dilson Ferreira. **O ethos do enunciador dos romances de Machado de Assis**: uma abordagem semiótica. São Paulo: EDUSP, 2009.

- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Trad. Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Machado de Assis em Bons Dias!** Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec/Editora da Unicamp, 1990.
- GRANJA, Lúcia. **À roda dos jornais (e Teatros)**. Machado de Assis: o escritor em formação. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1997.
- GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson. Introdução. In: **Machado de Assis: comentários da semana**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA Lúcia; RICIERI, Francine Weiss. **Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: Nankin: Edusp, 2004.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES, **Machado de Assis**. São Paulo: Instituto Moreira Salles (Cadernos de Literatura Brasileira, n. 23 e 24), 2008.
- MAGALHÃES JR. Raimundo. **Vida e obra de Machado de Assis, v. 2: ascensão**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MASSA, Jean-Michel. **Juventude de Machado de Assis (1839-1870)**. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MEYER, Augusto. **Machado de Assis (1935-1958)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- _____. **Ensaio escolhidos**. Org. de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- PASSOS, José Luiz. **Machado de Assis: o romance com pessoas**. São Paulo: Edusp/Nankim, 2007.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. São Paulo: Gráfica editora brasileira Ltda, 1949.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SANTOS, Rogério Fernandes: **O reflexo de Helena**: modelos literários e nacionalidade em Helena de Machado de Assis. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades, 2000.

_____. Poesia envenenada de Dom Casmurro. In: **Duas meninas**.

_____. Nacional por subtração. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. A viravolta machadiana. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 69, p. 16-34, jul. 2004.

_____. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Uma desfaçatez de classe. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 2. Edição. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2012.

_____. A sorte dos pobres. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 2. Edição. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2012.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1955.

TEIXEIRA, Ivan Prado. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TRIGO, Luciano. **O viajante móvel**: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VILLAÇA, Alcides. **Espelho: Superfície e Corrosão**. Machado de Assis em linha: Rio de Janeiro. v. 6, n. 11, p. 102-117, junho 2013.

_____. **História da Literatura Brasileira**: prosa de ficção (1870-190). Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

2.2 Teoria e crítica literária, linguística, estética, filosofia, e história da literatura. Segundo império e primeira república no Brasil: história e cultura.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

Theodor Adorno. Teoria estética p. 161

AGOSTINHO, Santo. **Confissões** (354-430). Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

- _____. **Sobre a potencialidade da alma.** Trad. Aloysio Jansen de Faria. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- AMOSSY, Ruth. A Noção de *Éthos* da Retórica à Análise do Discurso. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. In **Imagens de Si no Discurso.** Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo, Contexto, 2004.
- _____. O *Éthos* na Intersecção das Disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. In: **Imagens de Si no Discurso.** Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo, Contexto, 2004.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, núm. 1, 1988, p. 28-54.
- ARISTÓTELES. Propriedade intelectual. In: MESQUITA, Antònio Pedro (Coord.). **Retórica.** Trad. Manuel Alexandre Junior; Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Edição da Imprensa Nacional-Casa da moeda livro, 2005.
- _____. **Rhétorique.** Trad. C. E. Reulle. Paris, Livre de Poche, 1991.
- _____. **Poética.** Trad. Baby Abrão. In: Os Pensadores – Aristóteles. São Paulo, Nova Cultural, 1999.
- ARRIGUCCI JR, Davi. **Teoria da narrativa:** posições do narrador. Instituto de Psicanálise – SBPSP. Vol. 31, nº 57, 1998, pp. 9-44.
- _____. **Enigma e comentário:** ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AUERBACH, Erich. **Figuras.** São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **Mímesis:** a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. **Questões de literatura e de estética:** a Teoria do Romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. *et al.* São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARBOSA, João Alexandre. Paixão crítica. In: _____. **A leitura do intervalo:** ensaios de crítica. Rio de Janeiro: Iluminuras, 1990.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: _____. **Pesquisas de Retórica.** Editora Vozes: 1975.
- BENJAMIN, Walter. **Parigi, capitale del XIX secolo.** Turim: Einaudi, 1976.

- _____. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOÉTIE, Étienne de La. **Discurso da servidão voluntária** (1549). L.C.C. Publicações Eletrônicas, 2006. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultrarromânticos**: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, Brasília, INL, 1979.
- BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination**: Balzac, Henry James, melodrama and the Mode of Excess. New Haven: Yale University Press, 1995.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Aspectos do romance brasileiro**. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação (coleção “Vida brasileira”, 18), 1960.
- CASTIGLIONE, Baldasserre. **Il libro del Cortegiano**: a cura di Giulio Preti. Einaudi: Torino, 1965.
- CHALHOU, Sidney. **Visões de liberdade**: uma história das ultimas décadas e escravidão na corte. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. A higiene das famílias. In: _____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- DIANA, Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1998.
- _____. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUTRA, Eliana de Freitas. **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura** – uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- ELSTER, Jon. **Alchemies of the mind**: rationality and the emotions. Cambridge University Press, 1999.
- _____. **Ulisses liberto**: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições. Trad. Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**. As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo. São Paulo, Ática, 1996.
- _____. **Procedimentos discursivos**: as figuras de pensamento. São Paulo: Texto fotocopiado, 1997.

- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**, 1º Tomo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.
- GENETTE, Gérard. **Fiction et diction**. Paris, Seuil, 2004, p. 99.
- GIANNETTI, Eduardo. **Auto-engano**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência**: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. Derivações culturais do romance folhetim. In: _____. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HOUBE, Gabrielle. **Como a Literatura chega às jovens**: França, primeira metade do século XIX. Tempo, Dossiê. Rio de Janeiro, set. 1998, n. 9, p. 11-27.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.
- LAJOLO, Marisa. **Romance espitolar**: o voyeurismo e a sedução dos leitores. pp. 61-75. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca14/matraca1404.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- _____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.
- LASCH, Christopher. A domesticidade burguesa, a revolta contra o patriarcado e o ataque a moda. In: LASCH-QUINN, Elisabeth (Org.). **A mulher e a vida cotidiana**: amor, casamento e feminismo. Trad. Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- LIBRANDI-ROCHA, Marília. Escritas de ouvido na literatura Brasileira. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, vol. 19, pp. 131-148.
- LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- _____. A Crítica Literária na Cultura Brasileira do século XIX. **Dispersa Demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**: histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: UNB, 1998.

- MACHADO NETO, A. L. **Estrutura Social da República das Letras**: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930). São Paulo: EDUSP, 1973.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **A arte do conto**: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres. Rio de Janeiro: BLOCH, 1972.
- MAINGUENEAU, Dominique e CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu, Sírio Possenti; Maria do Rosário Gregolin; Dilson Ferreira da Cruz *et al.* São Paulo, Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, Pontes, 1997.
- _____. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARTIN-FURGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada IV**: da revolução francesa à primeira guerra. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 176-245.
- MERQUIOR, José Guilherme. Machado de Assis e a prosa impressionista. In: _____. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 150-201.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- MORETTI, Franco. **O século sério**. Novos Estudos CEBRAP, mar. 2003, n. 65.
- _____. O século sério. **O romance: A cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 1950, p. 823-863.
- MONTAIGNE, Michel de. **Sobre a vaidade**. Trad. Ivone C. Beneditti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (século XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- _____. **O romance-folhetim francês no Brasil**: um percurso histórico. Letras, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119–138, jul./dez. 2009.
- _____. **Páginas do passado**: ensaios de literatura. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.
- NETO, Lira. **O inimigo do rei**: uma biografia de José de Alencar, ou, A mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.
- PERELMAN, Chain. **O império retórico**: retórica e argumentação. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto Alegre: ASA, 1992.

- PERROT, Michelle (Org.). **História da vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Bottmann; Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Campinas: UNICAMP, 2007. 275 p. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em Teoria e História Literária.
- PLATÃO. Sofista. In: **Diálogos: O banquete, Fédon, Sofista, Político**. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril, 1972.
- POE, Edgar Allan. **A filosofia da comunicação**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.
- PRÉVOST, Abbé. **Manon Lescaut**. Libro, 2003.
- _____. **Manon Lescaut**. Rio de Janeiro: Jackson Editores, 1959.
- PRÉVOST, Abade. **Manon Lescaut**. São Paulo: Editor: VICTOR CIVITA, 1981.
- READ, Herbert. **Uma História da pintura moderna**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RENAULT, Delso. **O dia-a-dia no Rio de Janeiro: segundo os jornais, 1870-1889**. Rio de Janeiro. Brasília: INL, 1982.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada III: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: editora da UNICAMP, 2012.
- _____. **La Métaphore Vive**. Paris, Seuil, 1975.
- ROUYEYRE, Edouard. **Dos livros**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2000.
- SAINT-PIERRE, Henri Bernardin de. **Paul et Virginie**. Libro, 2004.
- _____. **Paulo e Virgínia**. Trad. Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Ícone Editora, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e cultura de fronteira**. In: _____. Tempo social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: editora Ática, 1989.
- SAVIOLI, Francisco Platão e FIORIN, José Luiz. **Para Entender o Texto**. São Paulo, Ática, 1995.

- SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)**. Brasília: Editora da UnB, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau (Org.) **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- SILVA, Ignácio Assis. **Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso**. São Paulo: Unesp, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- WANDERLEY, Márica Cavendish. **A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WEBER, João Hernesto. **A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade da historiografia literária brasileira**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- ZULAR, Roberto (org.). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. Crítica genética, história e sociedade. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol. 59, no. 1, pág. 37-40, jan./mar. 2007.